

DIFICULDADE E TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM UMA REALIDADE ESCOLAR

João Carlos Machado¹

Cristiane Tonetto Escobar²

Mariza Batista de Sousa Ferreira³

Rodi Narciso⁴

Viviane Aparecida Damian Beck⁵

Resumo: Anualmente um número cada vez maior de educandos não atingem os objetivos propostos pelos parâmetros curriculares de sua série, passando a serem classificados como alunos com Dificuldades de Aprendizagem. Uma das maiores dádivas do ser humano é a capacidade constante de aprender, tanto dentro como fora dos muros escolares, todavia nosso país tem como índice uma porcentagem alta de reprovação escolar, oriundas, em muitos casos pelas dificuldades de aprendizagem, estas que sofrem influência direta da área afetiva, cognitiva e psicomotora do indivíduo (sendo tanto ampla como restrita). O presente artigo teve por objetivo a identificação e conceitualização, de fato, do que seria dificuldade e/ou transtorno de aprendizagem, tendo por suporte de pesquisa a revisão bibliográfica referente ao conceito, assim como os principais vilões que fomentam o aparecimento dessas dificuldades em nossos alunos. Buscou-se, ainda, apresentar metodologias, que uma vez utilizadas pelo educador/

- 1 Graduando em Pedagogia, pela Universidade Estadual do Mato Grosso - UNEMAT. E-mail: jcmachado06@hotmail.com
- 2 Graduação em Pedagogia. Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais, Supervisão Educacional, Orientação Educacional, Planejamento Pedagógico, Gestão Escolar, Projetos e Práticas Educativas e Fundamentos e Organização Curricular. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: cristianet.escobar@hotmail.com
- 3 Graduada em Pedagogia pela UNIVAR - Faculdades Unidas do Vale do Araguaia e em Artes Visuais pela UFG - Universidade Federal de Goiás; Pós graduada em Educação Interdisciplinar, mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University - Flórida. E-mail: marizabatista_7@hotmail.com
- 4 Graduação em Pedagogia. Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Educação Especial. Gestão Escolar. Deficiência Visual. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University Flórida. E-mail: rodynarciso1974@gmail.com
- 5 Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Especialização Educação Infantil e Anos Iniciais. Especialização Coordenação Pedagógica. Gestão Escolar com ênfase em Educação Infantil. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. vi.da.beck@gmail.com

pesquisador, vão ao encontro dessas especificidades, buscando, respeitar o tempo emocional e cognitivo de cada indivíduo, oportunizando o aprendizado à todos. Os dados que aqui foram elucidados oriundam de artigos, monografias, livros e dissertações com o tema em questão. Pesquisar sobre o presente tema contribuiu auspiciosamente para que, enquanto educador consiga observar e auxiliar meus alunos.

Palavras-chave: Dificuldades de Aprendizagem. Conceitualização. Metodologias. Aprendizado.

Abstract: Every year, an increasing number of students do not achieve the objectives proposed by the curricular parameters of their grade, becoming classified as students with Learning Difficulties. One of the greatest gifts of human beings is the constant ability to learn, both inside and outside school walls, however our country has a high percentage of school failure rates, arising, in many cases, from learning difficulties, which are directly influenced by of the individual's affective, cognitive and psychomotor area (both broad and restricted). The objective of this article was to identify and conceptualize, in fact, what constitutes a learning difficulty and/or disorder, with research support being the bibliographical review regarding the concept, as well as the main villains that encourage the appearance of these difficulties in our students. We also sought to present methodologies that, once used by the educator/researcher, meet these specificities, seeking to respect the emotional and cognitive time of each individual, providing learning opportunities for everyone. The data that were elucidated here come from articles, monographs, books and dissertations on the topic in question. Researching this topic has contributed auspiciously so that, as an educator, I can observe and help my students.

Keywords: Learning Difficulties. Conceptualization. Methodologies. Apprenticeship.

Introdução

O presente artigo visa contemplar um tema que possui grande notoriedade no meio escolar, a dificuldade de aprendizagem e as metodologias adequadas para que esta se extirpe da realidade de sala de aula.

Nos corredores das escolas ouvimos educadores e pais comentarem que dado aluno possui dificuldade de aprendizagem e, inúmeras vezes,

essa condição está sendo associado de maneira incorreta com a preguiça, desacato com o educador, ou ainda a própria falta de conhecimento dos adultos em identificar a dificuldade de aprendizagem propriamente dita, de outras situações vividas pela criança, que refletem sua necessidade de ser ouvida.

Indubitavelmente tem-se que o *homo sapiens* pode apreender qualquer coisa, desde uma simples ação motora, impulsionada pelo ato de espelhar-se, até uma atividade complexa como decodificação dos signos integrantes do processo da escrita - leitura. No entanto, existem percalços que podem dar um rumo atípico no processo como um todo (JOSÉ & COELHO, 1989).

Muitos pesquisadores têm se debruçado em seus estudos com o objetivo de compreender o processo de aprendizagem. Buscando, deste modo, lograr êxito na obtenção de respostas do porquê de alguns alunos aprenderem com facilidade, enquanto outros não, assim como quais as metodologias mais adequadas para que o professor consiga instigar e obter sucesso no processo ensino e aprendizagem.

Tendo por objetivo primordial, esta pesquisa buscou apresentar um Resumo: do percurso histórico desta nomenclatura até chegar à atualidade. Norteando-se a partir da seguinte questão: o que são as dificuldades e transtorno de aprendizagem e qual é a metodologia mais apropriada para casos que venham a surgir em uma sala de aula regular, buscando o pleno desenvolvimento de todos os alunos?

Para que este estudo tomasse forma foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica. Esta que se conceitua como uma coleta de bibliografia já publicada em forma de artigos em revistas e sites, teses, dissertações e livros. Esta se pauta em direcionar o sujeito pesquisador a entrar em contato com toda espécie de literatura escrita sobre dado tema, com o intuito de corroborar no processo de análise de sua própria pesquisa.

Para que tudo o que foi trazido até aqui venha, de fato a concretizar-se, serão utilizados como fontes bibliográficas de pesquisa autores renomados na área como: PIAGET, (1983) que apresenta o processo de aprendizagem sob o viés da equilíbrio e desequilíbrio; Piaget e Gréco (1974), que estabelecem diferenças entre aprendizagem ampla e restrita; Vigotski (1995), com a apresentação de sua teoria ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal); Stevanato et. al. (2003) que comenta sobre as experiências escolares na formação das autopercepções; Filidoro (2001), que dialoga sobre adaptações feitas acerca da necessidade de se respeitar

o tempo cogniscente de cada aluno no processo de aprender; Borine (2015) que explana sobre a difícil empreitada que é distinguir o limite que distingue dificuldade de transtorno de aprendizagem, dentre outros.

Este artigo seguirá a seguinte sequência de primeiro, explicar sobre o que é a aprendizagem propriamente dita, e as etapas que ocorrem no subconsciente para que esta de fato se concretize, assim como o tempo de cada aluno neste processo; seguido por como proceder frente ao diagnóstico e encaminhamentos necessários, e pela distinção de transtorno para dificuldade de aprendizagem, como proceder, e o papel da família neste processo de recuperação de autoestima por parte do educando.

Processo de aprendizagem numa perspectiva de inserção escolar

A aprendizagem da leitura e escrita em si é um dos fatores que mais pesam no crescimento intelectual do aluno, e essa ação deve ser mediada pelo professor para que o aluno alcance o pleno desenvolvimento.

Percebe-se que a aprendizagem historicamente sistematizada é tida como objetivo primordial em todas as escolas, independente da modalidade ou níveis que se trabalhe, no entanto há de se reconhecer que muitas crianças não atingem os resultados esperados pelos professores, ficando com o conhecimento limitado, e muitas vezes sem muitas possibilidades de avançar junto com a turma, em tempo real.

Ao nos referimos sobre desenvolvimento intelectual, Piaget (1983) confirma que este é oriundo de “uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menos equilíbrio para um estado de equilíbrio superior”. (PIAGET, 1983, p. 11) Deste modo, todo e qualquer etapa do desenvolvimento estabelece uma forma específica de estabilidade e a continuidade do processo evolutivo mental caracteriza-se como uma equilibração integral.

Para Osti (2009, p. 115) a desequilibração no processo de aprendizagem, pelo viés Piagetiano, é compreendida “[...] como um processo necessariamente desequilibrante, produto de conflitos cognitivos vivenciados pelo ser cognoscente, e é nesse processo de resolução que o indivíduo cria as alternativas e os instrumentos intelectuais necessários para atuar na situação em questão”.

Piaget e Gréco (1974) estabelecem um paralelo entre a “aprendizagem

ampla e aprendizagem restrita”, uma vez que a primeira é um processo apropriado e que se desenvolve naturalmente, pois não parte de algo sem significado, mas de aprendizagens previamente adquiridas, enquanto que a segunda, o aluno assimila o conhecimento por intermédio das vivências.

É fato que cada criança apresenta um ritmo diferenciado no processo de aquisição do conhecimento. Vigotski (1995) com seu conceito de ZDP – (Zona de Desenvolvimento Proximal) correlaciona educação e desenvolvimento. Portanto, observa-se o cuidado em adequar o processo educativo ao desenvolvimento cognitivo do corpo discente, respeitando prazos e ritmos individuais.

A partir desse contexto, cabe ao professor descobrir as potencialidades dos mesmos para poder avançar com os conteúdos, respeitando as diversas fases em que estes se encontram, como o desenvolvimento perceptivo, perceptivo-motor e cognitivo, além da maturação neurobiológica, respeitando aspectos psicossociais, dentre eles a exploração de objetos e brinquedos, a oportunidade de vivências, experiências, etc.

Nesse período, é muito comum, o aluno ser rotulado por apresentar dificuldades de aprendizagem em alguns conteúdos abordados na sala de aula, hipoteticamente, pode não ter havido aprendizagem em determinado estágio do seu desenvolvimento, que lhe desse suporte acadêmico para uma aprendizagem posterior.

Segundo Stevanato et. al (2003, n.p.),

A experiência escolar tem um papel crucial na formação das autopercepções das crianças. Neste sentido, segundo Elbaum & Vaughn (2001), as crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam um risco elevado de terem um autoconceito negativo, particularmente quanto à área acadêmica.

Evidencia-se que o não sucesso escolar tem sido fator significativo para que crianças desencadeiem frustração, baixa autoestima e perturbação emocional, fator que o anula enquanto ser humano. Stevanato et. al. (2003, n.p.) comenta que “[...] as dificuldades de aprendizagem afetam o autoconceito de escolares, observam-se distinções na avaliação da extensão deste impacto. [...] as crianças com dificuldades de aprendizagem são caracterizadas por um autoconceito geral mais negativo que as crianças sem dificuldades.”

Uma vez que desordem na aprendizagem, quando provém de fatores reversíveis, é possível ao professor recorrer à ajuda de um profissional (pedagogos, psicopedagogos, psicólogos), principalmente quando se

percebe que provém de ordem comportamental ou emocional.

Toda investigação deve partir do pressuposto de descoberta do problema da não aprendizagem e investigar as causas do baixo rendimento. Há de levar em conta que os métodos educacionais nem sempre são adequados, pois o raciocínio do aluno não acompanha o que se pretende pela escola. Deve-se também sondar as questões emocionais, familiares, hábitos de estudo, entre outras.

Tendo identificada a causa da não aprendizagem, o próximo passo é começar a esboçar a intervenção, garantindo um trabalho conjunto com os envolvidos nesse processo, que no momento são: pais, aluno e escola. Propiciando a esta criança, situações congruentes para desenvolver as habilidades nas áreas em que apresenta baixo rendimento.

Para isso faz-se necessário um planejamento diferenciado, de modo a atender justamente a dificuldade do aluno, auxiliando-o para que possa criar situações e resolver problemas. Deve-se também estabelecer parceria com os pais para que escola e família possam trabalhar juntos nessa causa.

Como afirma Filidoro (2001 p.112),

[...] as adaptações se referem a um contexto - e não me refiro à criança, mas ao particular ponto de encontro que ocorre dentro da aula em que convergem a criança, sua história, o professor, sua experiência, a instituição escolar com suas regras, o plano curricular, as regulamentações estaduais, as expectativas dos pais, entre outros, - então não é possível pensar em adaptações gerais para crianças em geral.

Vale ressaltar que numa escola comum, o normal é “ser diferente”, ou seja, todos são iguais pela diferença, onde podem participar de tudo o que a escola propõe de acordo com suas capacidades e potencialidades.

Transtorno ou dificuldade de aprendizagem

No meio acadêmico é frequente encontrar trabalhos com os temas “transtorno de aprendizagem e/ou dificuldade de aprendizagem”, porém aqui, buscaremos saber quais as diferenças e semelhanças dessas terminologias e como intervir.

Para Ribeiro (2001, p.5), dificuldade de aprendizagem é:

[...] uma perturbação em um ou mais dos procedimentos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou na maneira da linguagem escrita ou falada, que pode se demonstrar em uma

desenvoltura defeituosa para escrever, escutar, falar, fazer cálculos matemáticos, ler e soletrar.

Deste modo, transtorno de aprendizagem é considerado uma das dificuldades que se apresentam no processo de aprendizagem, podendo estar ou não relacionada a fatores adversos.

Para um melhor entendimento é necessário conhecer como surgiu o termo Dificuldade de Aprendizagem e sua diferenciação de Transtorno de Aprendizagem, não se pretende aqui esgotar-se sobre o tema, e sim, apresentar de maneira sucinta seu percurso histórico.

Primeiramente cabe ressaltar que transtorno de aprendizagem e dificuldade de aprendizagem esbarram-se com frequência, tornando difícil ao educador constatar a existência de um transtorno ou uma dificuldade acentuada.

Segundo Borine (2015, p. 4),

É uma empreitada complexa distinguir as fronteiras que os separam, cabendo a equipe multidisciplinar, detectar as dificuldades com que o aluno, se depara em sala de aula e averiguar os motivos de forma extensa, abrangendo os aspectos orgânicos, neurológicos, psicológicos e possíveis dificuldades originários do meio ambiente social.

Dentre alguns estudiosos, tem-se Taya (2008), que conceitua o transtorno de aprendizagem como um mau funcionamento neuropsicológico, ou seja, uma dificuldade que acabada impedindo o funcionamento de maneira coesa do cérebro em ampliação. É, portanto, considerado como sendo uma dificuldade de maturação e desenvolvimento neuropsicológico. Os transtornos de aprendizagem mais conhecidos hoje são: disfasias, dislexias, discalculia, disgrafia e transtorno não verbal do aprendizado.

Partindo dessa premissa, cabe então ao professor sua parcela de contribuição, para um possível encaminhamento para uma equipe multidisciplinar, o que contribuirá para auxiliar o educando e o educador no enfrentamento de seus problemas, evitando assim tratamentos longos e desgastantes, com consultas e testes até, de fato, a identificação do problema (Borine, 2015).

Em situações específicas de aprendizado, a permanente troca de informações entre as áreas médica e neuropsicopedagógica é de extrema importância para acarretar à interdisciplinaridade, tendo em vista que o processo de aprendizagem é caracterizado como função cerebral.

(PESTUN, CIASCA, GONÇALVES, 2002)

Como afirma Borine (2015, p. 6), as dificuldades podem ser oriundas de fatores: “físicos, emocionais, cognitivos, sociais e educacionais. Existem fatores que estão relacionados às dificuldades de aprendizagem, como os fatores orgânicos e emocionais.” Em conformidade com Freitas (2006) com o intuito de contribuir no processo de aquisição de conhecimento do aluno é indispensável o discernimento prévio dos fatores que contribuem para o processo de aprendizagem. Torna-se importante observar se esta dificuldade está atrelada ao não interesse do educando, sonolência, sentimentos de tristeza, agitação, falta de organização, etc., vistos como elementos influenciadores a desmotivação em aprender.

Este tipo de falta individual não deve ser considerada como sendo transtorno de aprendizado, e sim, como mais uma etapa das questões que abarcam a tríade escola - sujeito - família, acoplando uma extensa rede de apoio social. (SAMPAIO, 2010).

Conclusão

Neste pequeno estudo procurou-se evidenciar que a autoestima do alunado no processo de ensino e aprendizagem que apresentam dificuldade ou transtorno de na mesma é de suma importância. Trata-se, portanto, de uma tarefa difícil, uma vez que esta autoestima está constantemente influenciada e oscilante devido a fatores internos e externos.

A autoestima consiste em manter o educando disposto e consciente de sua capacidade intelectual em aprender, mesmo que muitas vezes esse processo não ocorra no mesmo tempo que os demais colegas de sala. Uma vez existindo essa peculiaridade, evidencia-se uma dedicação maior por parte do aluno, pais e professores, apoiando-o e perseverando com o mesmo. Mostrando que não existe nada de errado com ele, e sim, que ele tem um tempo especial, só dele, para aprender.

Após diagnóstico e constatação de dificuldades de aprendizagem ou transtorno da mesma, o professor de sala deve, ao máximo, tentar cultivar a autoestima, mantendo a turma concentrada, motivada e explorando sempre o ponto máximo de sua criatividade. Se, no caso, o diagnóstico evidenciar um transtorno, o trabalho em conjunto com uma equipe multidisciplinar é vital para que o processo de aprender venha, de fato, se concretizar.

Para que o educador obtenha êxito em manter a classe prestativa, o

mesmo carece de ferramentas que venham ao encontro da vida do aluno, pois no mesmo momento que educador fomenta o estudo, proporciona caminhos para que estes trilhem em sua caminhada escolar.

Deste modo, ao afirmar-se de que os indicadores das dificuldades e transtornos de aprendizagem estão intrinsecamente ligados às questões emocionais e sociais, onde os educandos acabem por se sentirem marginalizados e estigmatizados; e em alguns casos até os educadores não conseguem ajudar o aluno de maneira completa por inúmeros fatores; acabam tendo por consequência o bloqueio emocional e o isolamento social destes. É por isso que a presença da família nessa situação é um ponto fundamental, uma vez a criança utiliza os familiares como modelos a serem seguidos nas atitudes e comportamentos; sendo que quaisquer tendências negativas acarretariam de maneira decisiva o processo de baixa autoestima.

Pois, aprendizagem não se dá por fatores como idade e sim pela maturação do organismo, assim, cada indivíduo tem seu tempo, precisando talvez, de estímulos específicos para poder se desenvolver (SOUZA, 1996).

Referências

BORINE, Rita de Cássia Calderani. *Considerações gerais sobre dificuldade de aprendizagem*. Revista Eletrônica FACIMEDIT, v2, n2, jul/dez 2015. Disponível em: <http://www.facimed.edu.br/o/revista/pdfs/f56dea7753055112f6772bab6a79e618.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.

FILIDORO, N.. Adaptações curriculares. In: *Escritos da criança*. n. 06, Porto Alegre: centro Lydia Coriat, 2001.

FREITAS, A. C. et al. *Teorias da aprendizagem*. Universidade Evangélica Del Paraguay; UEP, 2006.

JOSÉ, E. A. COELHO, M. T. *Problemas de aprendizagem*. São Paulo, Ática. 1989.

OSTI, Andréia. *Concepções sobre desenvolvimento e aprendizagem segundo a psicogênese piagetiana*. Revista de Educação, Vol. XII, nº13, Ano 2009. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/viewFile/1910/1814>. Acesso em: 18 jun. 2023.

PESTUN, M. S. V.; CIASCA, S. & GONCALVES, V. M. G. *A importância da equipe interdisciplinar no diagnóstico de dislexia do desenvolvimento: relato de caso*. Arq. NeuroPsiquiatr. [online]. Vol.60,

n.2A, pp. 328-332, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-282X2002000200029&script=sci_Abstract:&tlng=pt. Acesso em: 19 jun. 2023.

PIAGET, J; GRÉCO. P. *Aprendizagem e conhecimento*. Rio de Janeiro: livreria Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, J. *A epistemologia genética*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RIBEIRO, M. P. *O. Funcionamento cognitivo de crianças com queixas de aprendizagem: jogando e aprendendo a jogar*. Tese (Doutorado)— Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://bv.fapesp.br/pt/auxilios/35683/funcionamento-cognitivo-de-criancas-com-queixas-de-aprendizagem-jogando-e-aprendendo-a-jogar/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

SAMPAIO, S. *Dificuldades de aprendizagem: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola*. Rio de Janeiro; Wak editora, 2010.

SOUZA, M. P. R.; *A queixa escolar e a formação do psicólogo*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. São Paulo, 1996. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-12052017-150732/pt-br.php>. Acesso em: 20 jun. 2023.

STEVANATO, Indira Siqueira et al. *Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v8n1/v8n1a09.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.

TAYA, S-R. *Definição dos transtornos de aprendizagem*. Texto integrante do curso de extensão - (re) habilitação cognitiva e novas tecnologias da inteligência da Faculdade. Ruy Barbosa, 2008.

VIGOTSKI, L. S. Obras escogidas. Madrid: Visor, 1995. t.III. IN: PAQUALINI, Juliana Campregher. *O papel do professor e do ensino na educação infantil: a perspectiva de Vigotski, Leontiev e Elkonin*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 191 p. ISBN 978-85-7983-103-4. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/ysnm8/pdf/martins-9788579831034-10.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.